

A “didática magna”, o “verdadeiro método de estudar” e a concepção de ensino do Latim

*Ricardo Costa dos Santos**

*Josefa Eliana Souza***

Resumo

Esse artigo trata da concepção de ensino do latim em Comenius, na “Didática Magna” de 1649 e em Verney, no “Verdadeiro Método de Estudar” de 1746. A partir dessas duas obras, buscou-se entender o papel do latim na formação do aluno, da língua vernácula como um novo instrumento para aquisição de conhecimento, bem como os problemas metodológicos apontados e as soluções apresentadas. A aprendizagem das línguas ocupa um lugar importante nessas duas obras, o latim em especial, por ainda gozar do status de língua de saber, de uma língua “comum da gente instruída”. O idioma vernáculo também ganha relevância como veículo de ensino. Dessa maneira, ambos teceram críticas ao ensino do idioma, propondo correções metodológicas. Apesar da distância temporal, os autores trazem algumas ideias semelhantes no que tange a “importância da língua latina” para formação do indivíduo e da língua vernácula para o ensino e aprendizagem. À vista disso, evidencia-se um novo paradigma nos séculos XVI e XVII, pois o latim foi deixando de ser pouco a pouco a língua instrumento de saber, perdendo espaço para as línguas vernáculas.

Palavras-chave: Didática Magna; Ensino; Método; Língua latina; Verdadeiro Método de Estudar

* Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: rcwerther@yahoo.com.br

** Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: elianasergipe@uol.com.br

The great didactic, “the true method of studying”, and the teaching concept of latin

Abstract

This article deals with the conception of Latin teaching in Comenius, in the « The Great Didactic» of 1649 and in Verney in «True Method of Studying» of 1746. In these two works, we sought to understand the role of Latin in the formation of students, of vernacular as a new instrument for acquiring knowledge, as well as the methodological problems pointed out and the solutions presented. The learning of languages has an important place in these two works, Latin in particular, because it still enjoys the status of language of knowledge, of a language «common of cultured people». Vernacular also gains relevance as a teaching vehicle. In this way, both critics criticized the language teaching, proposing methodological corrections. Despite the temporal distance, the authors bring similar ideas regarding the «importance of the Latin language» for the formation of men and the vernacular for teaching and learning. Thus, a new paradigm is evident in the sixteenth and seventeenth centuries, since Latin gradually ceased to be the language of knowledge, losing space for vernacular languages.

Keywords: The Great Didactic. Teaching. Method. Latin language. True Method of Studying

La didactica magna, “la vraie methode d’étudier” et le concept d’enseignement du latin

Résumé

Cet article présente la conception de l’enseignement du latin en Comenius, «Didactica Magna» 1649 et Verney, «(La Vraie Méthode d’Étudier» de 1746. A partir de ces deux ouvrages, nous avons cherché à comprendre, d’une part, le rôle du latin dans la formation de l’étudiant et de la langue vernaculaire comme un nouvel instrument d’acquisition des connaissances et, d’autre part, les problèmes méthodologiques soulignés et les solutions présentées. L’apprentissage des langues a une place importante dans ces deux œuvres, le latin en particulier pour profiter encore le statut de langue de savoir, une langue « commune aux hommes cultivés. » La langue vernaculaire gagne également de la pertinence en tant que véhicule d’enseignement. De cette façon, les deux auteurs ont critiqué l’enseignement des langues en proposant des corrections méthodologiques. Malgré la distance temporelle, les auteurs apportent des idées similaires concernant «l’importance de la langue latine» pour la formation de l’individu et de la langue vernaculaire pour l’enseignement et l’apprentissage. Tenant compte de ces propositions, on souligne un nouveau paradigme aux XVIe et XVIIe siècles, car le latin perd peu à peu son statut d’un outil linguistique de savoir, en laissant la place aux langues vernaculaires.

Mots-clés: Didactica Magna. Enseignement. Méthode de Langue latine. La Vraie Méthode d’Étudier.



Ao pensarmos o ensino de línguas, inevitavelmente somos lançados a um passado, ao latim; pois fora ele durante muito tempo, objeto de estudo e disciplina fundamental para uma determinada concepção de ensino e de erudição. Com isso, não se busca o “ídolo das origens” (BLOCH, 2001, p. 56-60), mas uma compreensão do ensino de línguas, sem deixar de considerar os fatores sociais que permeiam cada momento histórico, e definem os paradigmas e razões para o ensino desse ou daquele idioma.

Igualmente, ao tratar do latim como disciplina, faz-se necessário estudar os aspectos metodológicos, ou seja, entender como essa língua foi ensinada e com quais objetivos. Para isso, considera-se os materiais didáticos e os conteúdos como fator importante no processo de ensino. Por assim dizer, Comenius (2001) e Verney (1746) expuseram sobre o tema, destacando não apenas o latim como língua importante para formação do indivíduo, mas sobretudo os problemas existentes na maneira de ensiná-la.

Uma língua, por motivos diferentes, pois cada tempo histórico tem suas motivações temporais, fora escolhida e/ou eleita como a mais importante, a mais necessária. Hoje pensamos no inglês como “língua universal”, contudo, no século XVII e parte do XVIII, tal destaque era dado ao latim. Naturalmente, é preciso guardar as proporções, os motivos que levam o inglês a tal status se diferem daqueles que fizeram do latim uma língua indispensável, todavia, o que nos interessa é o fato de um idioma figurar como o mais importante. Sobre essa escolha ou eleição, Comenius já advertia da impossibilidade de se estudar todos os idiomas, por isso era preciso estudar as necessárias, para sua realidade, a língua materna e o latim eram prioridades, assim como as línguas vizinhas.

O século XVII, estimulado pela revolução cultural e educativa do humanismo, pelas tensões da Reforma Católica, bem como pela revolução burguesa e ascensão do Estado centralizado e burocrático moderno, transforma profundamente o conceito de escola. Esse século mudará profundamente os fins, os meios e o status da escola, atribuindo um papel social mais central, mais universal e também mais complexa (CAMBI, 1999, p. 305). Nesse ambiente de renovação, de busca pelo método científico e pela organização precisa da vida escolar, surge Comenius e sua pansofia.

Comenius¹ se tornou um expoente ao pensar uma educação para todos, obviamente esse *para todos* estava ligado as concepções de um homem fincado em seu tempo, um homem e suas idiossincrasias. Contudo, não temos como intenção tratar minuciosamente do pensamento educacional do autor, ou mesmo discutir qual o homem ele queria formar, mas busca-se compreender uma possível concepção de ensino de línguas, do latim, tendo como base a Didática Magna.

Em sua Didática Magna, a Arte universal de ensinar tudo a todos, Comenius (2001, p 3) afirma: “a proa e a popa da nossa Didática será investigar e descobrir o método segundo o qual os professores ensinem menos e os estudantes aprendam mais, que nas escolas, haja menos barulho, menos enfado, menos trabalho inútil”. A partir dessa afirmação, percebe-se uma dura crítica ao método de ensinar de seus contemporâneos, o

¹ Pensador do século XVII, João Amós Comenius (1592-1670) foi pastor e bispo dos morávios (atual República Checa). Autor da Didática Magna, A arte universal de ensinar tudo a todos. Para Piaget Comenius não somente foi o primeiro a ter concebido, em toda a sua amplitude, uma ciência da educação, como coloca essa ciência, no centro de uma “pansofia” que para ele deve constituir um sistema filosófico global. Para o historiador Francês Jean Michelet, ele foi o Galileu da pedagogia.



que será a tônica de toda obra. Comenius discorda do método e do conteúdo proposto para as “escolas”, sugerindo correções. Quase todo texto está elaborado dessa maneira, são expostos os erros, busca-se na natureza o exemplo de como se proceder e por fim, é dada a solução para os problemas levantados.

Todavia, o aspecto importante para o nosso propósito, neste escrito, está no latim. Dessa maneira, o primeiro destaque está justamente na tradução da Didática Magna para essa língua. Afirma Comenius (2001, p. 5):

Daí nasceu este meu tratado, onde o tema é, assim o espero, desenvolvido mais longamente e mais claramente do que nunca o foi até o presente. Escrito inicialmente em vernáculo, para uso do meu povo, sai agora, a conselho de alguns homens eminentes, vertido em latim, para que, se possível, aproveite a todos.

Seguindo o conselho de alguns homens eminentes, Comenius traduz sua obra para língua latina com intuito de atingir a todos. Tal atitude determina o papel desse idioma na sociedade vigente, sobretudo no mundo da cultura. A versão da Didática Magna em latim faz eco ao pensamento do século XVII, onde a língua latina ainda era a língua universal da cultura, a língua dos homens notáveis. Diversos autores intelectuais como Locke, Isack Newton escreverem obras nela, e se Comenius objetiva fazer da sua Didática Magna universal, não havia outro caminho a seguir. Naturalmente, tendo esse destaque, o latim era matéria obrigatória.

Por consequência, percebe-se que no mundo intelectual ou para formação do indivíduo, a língua latina era uma exigência, diante de tal importância, fazia-se necessário uma reflexão sobre o ensino dessa disciplina. Comenius (2001, p. 45) inicia essa discussão com uma crítica enfática: “O ensino da língua latina é prolixo e confuso”. Segundo o autor, quaisquer serventes, criados ou moços de recados, entregues aos trabalhos da cozinha, aos serviços militares ou a outros serviços vis, “aprendem mais depressa uma língua qualquer, ou até duas ou três, embora diferente da sua língua materna, que os alunos das escolas aprendem só o latim” (COMENIUS, 2001, p. 45). O caráter hiperbólico da afirmação acentua o seu olhar para o ensino de sua época. Numa exposição didática de seu pensamento, Comenius (2001, p. 45), questiona e responde: “de onde pode vir este deplorável dispêndio de tempo e de esforço, senão de um método defeituoso?” Mais uma vez a questão recai sobre o método. O autor ainda adentra no aspecto do ensino propriamente dito, expondo o porquê esse método é defeituoso e os fatores que torna o ensino da língua latina algo tão ineficaz e tedioso.

Da filosofia renascentista, Comenius traz a concepção dinâmica e evolutiva da natureza e do homem como microcosmo, gestor e mediador nas relações com a natureza (CAMBI, 1999, p. 287). Isso pode ser exemplificado no capítulo XIV, intitulado “A ordem perfeita da escola deve ir buscar-se à natureza”. É na natureza que ele busca inspiração para metaforizar a maneira de ensinar. Isso se evidencia em toda Didática Magna, mas citamos aqui o capítulo XVII, “Fundamentos para Ensinar e Aprender com Facilidade”; no fundamento IV, e das coisas mais fáceis para as mais difíceis, Comenius parte de metáforas tiradas da natureza, assim afirma que tal como a ave, que quer sair do ninho para voar, primeiro finca os pés, depois abre as asas, a seguir agita-as e, final-

mente, batendo-as com mais força, eleva-se, e deste modo se habitua a entregar-se ao céu imenso, eis o caminho para um melhor ensino. A metáfora revela mais uma ideia de como se ensinar uma língua: é preciso obedecer cada parte do processo, tomando de empréstimo o exemplo do autor, não se pode voar sem primeiro fincar os pés no chão, ou seja, primeiro as coisas mais fáceis, “a natureza não dá saltos”.

No que diz respeito ao aspecto metodológico, Comenius (2001, p. 75) acentua o papel da língua materna no ensino de uma outra língua:

Age-se desazadamente todas as vezes que, nas escolas, se ensina o desconhecido por meio do igualmente desconhecido, como acontece: Quando se dão, aos principiantes de língua latina, regras escritas em latim, o que é o mesmo que explicar o hebraico com regras escritas em hebraico, e o árabe, com regras escritas em árabe; 2. Quando, aos mesmos principiantes, se dá como auxiliar um dicionário latino-vernáculo, quando deve fazer-se o contrário.

A conclusão é simples, não se deve ensinar a língua alvo, nesse caso o latim, através da língua alvo; o latim deve ser aprendido mediante a língua vernácula, que já é conhecida pelo aluno. Então, cunha-se mais uma regra para o ensino de idiomas: é preciso usar a língua vernácula, “a língua estrangeira” se aprende a partir da língua materna. A ênfase na língua vernácula se dá no capítulo XXIX; intitulado “Plano da Escola de Língua Nacional” traz como tópico primeiro, a escola de língua nacional deve ser anterior à de latim. Considera Comenius (2001, p. 146):

No capítulo IX, demonstrei que toda a juventude, de um e outro sexo, deve ser enviada às escolas públicas. Agora acrescento que toda a juventude deve ser confiada, primeiro, às escolas de língua nacional, embora alguns sejam de opinião contrária. Zepper, no livro 1, cap. 7, da sua Política eclesiástica [1], e Alsted, no cap. 6 da sua Escolástica [2], aconselham «a mandar às escolas de língua nacional apenas as raparigas e os rapazes que virão a dedicar-se às artes mecânicas; mas aconselham a enviar, não à escola de língua nacional, mas diretamente à escola de latim, as crianças que, segundo a intenção de seus pais, aspiram a uma mais profunda cultura do espírito». Alsted acrescenta: «discordo quem quiser; eu proponho o caminho e o método que gostaria de ver seguido por aqueles que desejaria o mais bem instruídos possível». Ora, o método da nossa Didática obriga-nos a discordar.

O fragmento acima nos coloca a língua no paradigma de época, pois a língua nacional era destinada aqueles que se dedicavam às artes mecânicas e o latim para quem aspirava uma mais profunda cultura do espírito. O estudo de língua determinava quem era o indivíduo. Mas Comenius imbuído de sua pansofia, acreditava que tudo deveria ser ensinado a “todos”.

O autor ainda justifica por que discorda do ensino de língua vigente. Dentre os porquês defendidos por ele, cabe destaque os aspectos metodológicos: “Em quinto lugar, querer ensinar uma língua estrangeira a quem não domina ainda a sua língua nacional, é como querer ensinar equitação a quem não sabe ainda caminhar” (COMENIUS, 2001, p. 147). Para ‘ele, era preciso ter uma base sólida, construída no próprio idioma, pois, “o objetivo e a meta da escola de língua nacional é ensinar a toda a juventude, dos seis aos doze (ou treze) anos de idade, aquelas coisas que lhe serão úteis durante toda a vida” (COMENIUS, 2001, p. 147).



Igualmente sobre os aspectos metodológicos, Comenius (2001, p. 75) faz crítica ao preceptor por não conhecer a língua materna da criança, e a gramática de língua latina, por esta não se adaptar as diversas realidades:

3. Quando se dá à criança um preceptor estrangeiro que não conhece a língua materna da criança. Efetivamente, uma vez que não têm um instrumento comum a ambos para se entenderem, e não comunicam senão por meio de gestos, que podem eles edificar senão uma torre de Babel? “4. Comete-se também um grave erro contra a reta razão quando, com as mesmas regras gramaticais (por exemplo, as de Melanchton ou de Ramo) [9], etc., se ensina a juventude de todas as nações (francesa, alemã, boema ou polaca, hungárica, etc.), uma vez que cada língua tem, com a língua latina, uma relação particular e de certo modo própria, a qual é necessário descobrir, se realmente se quer ensinar os jovens a penetrar rapidamente na índole da língua latina.

Como parte da estrutura da Didática Magana, o autor expõe criticamente os erros do ensino de sua época e propõe a correção. Primeiro, o professor e o aluno devem falar, desde o berço, a mesma língua; todas as explicações devem ser dadas numa língua conhecida; as gramáticas e os dicionários devem ser adaptados à realidade linguística de cada aluno. Já não se admitia uma única gramática para todas as nações. Essa ideia permeia toda a Didática Magna, necessitava-se de uma língua comum para uma melhor fluidez na comunicação. Pensava-se nos aspectos semânticos contidos em cada grupo linguístico. Pode-se acrescentar que a língua comum trazia uma maior afetividade entre aluno e preceptor.

A perspectiva do método de Comenius (2001, p. 75) era sempre do mais fácil para o mais difícil, logo esse era o caminho a ser trilhado:

IV. Se o estudo da nova língua proceder gradualmente, de maneira que o aluno se habitue primeiro a compreendê-la (o que é muito fácil), depois a escrevê-la (dando-lhe tempo para refletir) e, finalmente, a falá-la (o que é muito mais difícil, pois trata-se de uma improvisação).

V. Quando o ensino do latim é paralelo ao da língua materna, o desta, uma vez que ela é mais conhecida, deve ser ministrado primeiro, seguindo-se o da língua latina.

O que fica explícito é uma escala na aprendizagem das competências linguísticas, sendo a compreensão a primeira coisa dentre elas, seguida pela escrita e pela fala.

Portanto, no capítulo XXII há um aprofundamento na temática, dessarte ele o intitula “Método para Ensinar as Línguas”. A questão é simples, por que aprendê-las e quais estudar. Essa inquietação ainda nos persegue. Se pensarmos nos Parâmetros Curriculares Nacional/PCNs, tal questão também foi trazida à baila, contudo as inquietações e escolhas pertencem a cada época. Não queremos cometer anacronismo, mas uma questão é salutar, Comenius é atual, ou ainda estamos no século XVII? De fato, os documentos educacionais cunhados na atualidade fazem referência a pensadores do passado, não há algo tão novo como se pensa.

O capítulo XXII se inicia com esta inquietação: Porque se deve aprender línguas e quais, logo respondida por Comenius (2001, p. 111):



As línguas aprendem-se, não como uma parte da instrução ou da sabedoria, mas como um instrumento para adquirir a instrução e para a comunicar aos outros. Por isso, não devem aprender-se todas, o que é impossível, nem muitas, o que é inútil, além de que roubaria o tempo devido ao estudo das coisas; mas apenas as necessárias.

No trecho acima, o autor define, de maneira precisa, o motivo para se aprender línguas. Elas são instrumento para adquirir instrução e também estão a serviço da comunicação. No mencionado capítulo, a escolha da língua também se desvela, pois não é possível se aprender todas; então quais critérios levam a escolha desse ou daquele idioma? Fala-se mais uma vez nas línguas necessárias, mas quais seriam elas para a formação do homem comeniano? As necessidades dependem do tempo histórico e da ideia de ensino, assim, para ele, eram necessárias a língua materna, para tratar dos negócios domésticos; as dos países vizinhos, para entrar em relações com eles, continua Comenius (2001, p. 111):

(assim, para os polacos, de uma parte, a língua alemã, e, de outra parte, a língua húngara, a romena e a turca); para ler livros sabiamente escritos, a latina, que é a língua comum da gente instruída; para os filósofos e para os médicos, a grega e a árabe; para os teólogos, a grega e a hebraica.

Observa-se uma praticidade no ensino de língua, sendo a vernácula para o cotidiano, as dos vizinhos para questões “políticas”, a latina para formação intelectual, a grega, a árabe e a hebraica como conhecimentos específicos para uma determinada carreira. Comenius entende as línguas de maneira prática, ainda que proponha o estudo de várias delas, cada uma tem uma função específica. Em suma, precisa-se aprender corretamente a língua vernácula, ler bem em latim e falar as línguas vizinhas.

Outra questão pertinente, o que se aprender das línguas? Mais uma vez, tudo depende do para quê. Começemos analisando a afirmação de Comenius (2001, p. 111).

Nem todas as línguas devem aprender-se em todas as suas partes, até a perfeição, mas apenas tanto quanto é necessário. Com efeito, não é necessário pronunciar tão perfeitamente a língua grega e a hebraica como a vernácula, pois não há homens com quem as falemos é preciso apenas a ler livros

Essa declaração ratifica a concepção de ensino de línguas do supracitado autor, ou seja, as línguas necessárias são aquelas que tem uma finalidade prática.

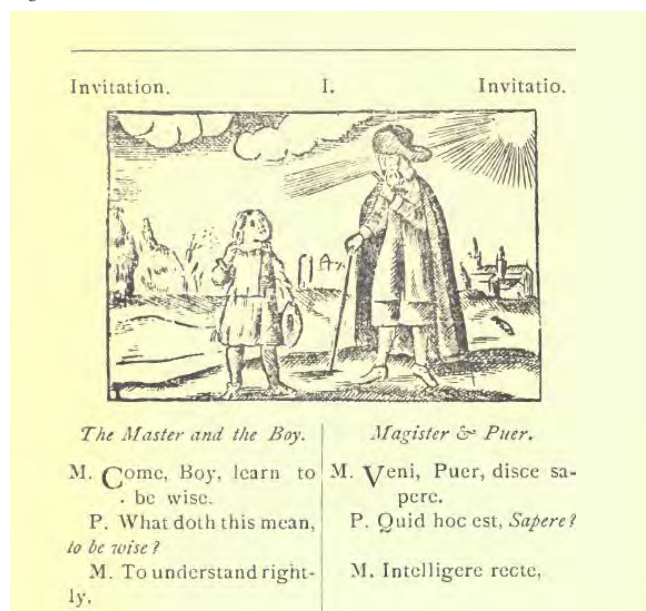
Comenius evidencia os conteúdos e a maneira de estudar várias línguas. As palavras não devem ser aprendidas separadamente das coisas, uma vez que as coisas separadas das palavras nem existem, nem se entendem; mas, enquanto estão unidas, existem aqui ou além e desempenham esta ou aquela função. Além disso, as línguas devem ser estudadas de maneira separadas, para não causar confusão: “seguir, a língua latina e, depois desta, a grega, a hebraica etc; sempre uma depois da outra, e não ao mesmo tempo; de outro modo, uma gera confusão na outra”. É indispensável que todas as línguas sejam aprendidas mais com a prática que por meio de regras: “Isto é, ouvindo, lendo, relendo, transcrevendo, tentando a imitação com a mão e com a língua, o mais frequentemente



possível” (COMENIUS, 2001, p.113). A língua está além da gramática, para corrigir o método é necessário: Ter à mão os livros e todo o restante material escolar; formar a inteligência antes da língua; não aprender nenhuma língua a partir da gramática, mas a partir de autores apropriados (COMENIUS, 2001, p.65).

Cabe ainda ressaltar a atenção dada por Comenius (2001, p. 112) para o ensino de línguas para crianças. A metodologia deveria ser diferente: “Às crianças deve oferecer-se temas infantis, e não Cicero e outros autores”, que são para homens feitos. Essa sensibilidade de Comenius para o ensino infantil pode ser melhor observada em sua obra *Orbis Pictus*, primeiro manual de língua ilustrado e dedicado principalmente as crianças. Nessa obra, ela faz do ensino de língua uma atividade lúdica. A primeira edição bilingue dessa obra, alemão/latim, tinha um vocabulário de 3.500 palavras, dividido em 151 capítulos (GERMAIN, 1993, p. 88). O livro já se apresenta de maneira lúdica, como se evidencia nessa versão em língua inglesa e língua latina; o autor convida o jovem a ser sábio, a aprender as coisas certas:

Figura 01. Orbis Pictus



Fonte: Orbis Pictus (1887)

Atendo-nos a Didática Magna (COMENIUS, 2001, p. 113) se repete, tratando novamente da aprendizagem de várias línguas, aconselhando que se aprenda uma língua por vez:

Primeiro, a língua materna; depois, aquela que há de utilizar-se em vez da materna, como seria a língua de um povo vizinho. Repetindo o que já tinha afirmado, reafirmando o caráter prático na escolha de se aprender um idioma. (“Sou de opinião, com efeito, que as línguas vulgares devem aprender-se antes das línguas sábias”). A seguir, a língua latina e, depois desta, a grega, a hebraica, etc.; sempre uma depois da outra, e não ao mesmo tempo; de outro modo, uma gera confusão na outra.

Sobre a organização temporal, ele define que para o estudo de cada língua deve ser consagrado um espaço de tempo; sobre a prática linguística, todas as línguas devem ser

aprendidas mais com a prática que por meio de regras. No tópico VIII, “Das Línguas que se Devem Aprender de Modo Perfeito”, aborda-se as línguas importantes a serem estudadas. Como fora diversas vezes afirmado, a ideia de praticidade perpassa pela concepção de ensino de língua do autor.

Conseqüentemente, a língua materna e a língua latina devem ser dominadas perfeitamente. Para atingir este resultado, o estudo dessas línguas deve ser distribuído por quatro idades. É justamente nesse tópico que ele define a aprendizagem pela idade. Cada momento da vida representa o despertar de competências, por isso é preciso respeitá-las para melhor ensinar. Demonstra-se novamente a preocupação do autor com o conteúdo ligado a idade. Para melhor esclarecimento, condensamos essas ideias em três quadros.

Quadro 1. A idade e suas características

— A primeira é a idade infantil, balbuciente, em que se aprende a falar de um modo qualquer.
— A segunda é a idade pueril, crescente, em que se aprende a falar com propriedade;
— A terceira é a idade juvenil, florida, em que se aprende a falar com elegância;
— A quarta é a idade viril, vigorosa, em que se aprende a falar com rigor.

Fonte: Comenius (2001, p.114).

Os materiais didáticos variam conforme os graus da idade, outrossim, o suporte para o ensino se divide em quatro:

Quadro n. 2. Os materiais didáticos e os conteúdos associados a idade

I. O Vestíbulo: O Vestíbulo deve conter matéria para os balbuciantes.
II. A Porta: A Porta deve conter todas as palavras mais usadas da língua, cerca de oito mil, reunidas sob a forma de pequenas frases, que exprimam ao vivo as coisas, na sua situação natural.
III. O Palácio: O Palácio deve conter vários trechos acerca de todas as coisas, cheios de todo o gênero de frases e de flores de elegância, com notas marginais que indiquem de que autor foi tirado cada um dos escritos.
IV. O Tesouro: Dá-se o nome de Tesouro aos autores clássicos que escreveram, com gravidade e vigor, acerca de qualquer assunto.

Fonte: Comenius (2001, p.114)

Há equitativamente a presença dos livros auxiliares, ou seja, aqueles que ajudam no uso da gramática.

Quadro n. 3. Materiais auxiliares

I O vocabulário língua materna-latim e latim-materna, para o Vestíbulo [4].
II Para a Porta, o dicionário etimológico latim-língua materna, com os radicais e os seus derivados e compostos, e apresentando a razão do seu significado [5].
III Para o Palácio, o dicionário fraseológico língua materna-língua materna, latim-latim (e, se necessário, grego-grego), onde serão coordenadas as diferentes expressões, denominações e perífrases elegantes espalhadas no Palácio, com a indicação dos autores de que foram tiradas, onde isso ocorrer.
IV Finalmente, o Tesouro será auxiliado ou reforçado por um prontuário universal, que explique a riqueza de uma ou de outra língua (com a língua materna, a riqueza do latim; depois, com o latim, a riqueza do grego), de tal maneira que tudo aquilo de que se tem necessidade aí se possa encontrar, e que cada coisa esteja em perfeita correspondência, a fim de que seja possível traduzir as expressões próprias por palavras próprias, os pensamentos figurados por palavras figuradas, os termos humorísticos por termos humorísticos, os provérbios por provérbios.

Fonte: Comenius (2001, p.115).



Os quadros acima elaborados, resumem como o autor pensou o ensino das línguas em sua *Didática Magna*. A idade é um ponto fundamental, pois a partir dela se define o conteúdo e naturalmente os materiais a serem usados, estabelecendo uma perfeita ligação entre esses três elementos. Comenius traz uma nova ideia para o ensino de línguas, demonstrando a importância de organizar os conteúdos e os materiais didáticos em consonância com os alunos.

Um século depois, Verney retoma algumas das questões já pensadas por Comenius; contudo, o latim já não ocupava o espaço de língua dos homens eminentes, ao contrário, questionava-se sua validade como instrumento para se adquirir conhecimento. Dessa maneira, o autor português evidencia a importância da língua vernácula como veículo de saber e o seu papel para se aprender latim.

O Verdadeiro Método de Estudar

Nascido em Lisboa em 23 de julho de 1713, Luís Antônio Verney frequentou o Colégio de Santo Antão. Convidado a ingressar na Companhia de Jesus, recusa ao convite e vai estudar filosofia na Congregação do Oratório de Lisboa, local em que concluiu o ensino fundamental. Na Universidade de Évora onde leu os escritores latinos, aprofundou conhecimentos de filosofia e aprendeu a dominar o grego e o hebraico. Nela recebeu o grau de mestre em artes e também concluiu o curso de Teologia. Na Itália, durante os anos de 1745 a 1769, escreveu toda sua obra de pensamento, produzindo trabalhos que procuraram, além das críticas, esboçar um programa restaurador da inteligência na juventude (VERNEY, 1991, p.7). O citado autor foi um importante colaborador do projeto do Estado pombalino.

O “Verdadeiro Método de estudar para ser útil a República e a Igreja: proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal” foi publicado em dois tomos, no ano de 1746, sob o pseudônimo de “Padre Barbadinho” e dedicado aos “padres mestres da venerável religião da Companhia de Jesus no reino e domínio de Portugal (NUNES, 1989, p. 48). A partir dessa obra, busca-se compreender como o autor entendia o ensino da língua latina e quais foram suas críticas a maneira de ensiná-la.

O século XVIII destaca uma nova faceta do intelectual, o seu papel sociopolítico e sua identidade cultural. Ele se coloca como mediador entre sociedade e poder, colocando-se como consciência crítica de toda vida social e civil, igualmente ele se torna cada vez mais educador da sociedade civil (CAMBI, 1999, p. 325). A batalha contra as escolas é um aspecto salutar da pedagogia setecentista. Nesse contexto, Luís Verney se evidencia no panorama cultural português no século XVIII, sendo ele um dos principais expoentes das Luzes no Portugal pombalino.

O Verdadeiro Método de Estudar é um plano de reforma do ensino em Portugal. A obra é constituída por dezesseis cartas, cada uma delas se ocupa dos setores de estudo vigente na época. Com o intuito de reformar esses setores, a obra se divide em: Carta I: gramática e ortografia da língua portuguesa, Carta II: gramática latina, Carta III: latinitude, Carta IV: grego e hebraico, Carta V: retórica, Carta VI: continua o estudo da retórica, Carta VII: poética, Carta VIII: filosofia e lógica, Carta IX: metafísica, Carta X: física, Carta XI: ética, Carta XII: medicina, Carta XIII: jurisprudência, Carta XIV: teo-

logia, Carta XV: direito canônico, Carta XVI: observações várias (sobre a organização prática dos estudos e sobre a educação da mulheres). Essa divisão apresenta a concepção de currículo da qual Verney discordava.

Contudo o que nos interessa é sua fala sobre o ensino das línguas, em particular o ensino de latim. Com isso, não nos detemos apenas no latim como disciplina isolada, mas igualmente como meio para o ensino de outras matérias, por isso inevitavelmente antes de falar do ensino de latim, nos lançamos à língua materna.

Tal como Comenius, o pensador português tece críticas ao método e ao conteúdo ensinado, dando ênfase naquilo que poderíamos chamar de currículo. O português é destaque, é o tema da primeira carta. Verney (1746, p. 1) inicia com suas motivações, preocupando-se com o uso de uma gramática para a geração de sua época:

Motivo dessa correspondência: e como se deve continuar. Mostra-se, com o exemplo dos Antigos, a necessidade de uma Gramática portuguesa, para começar os estudos. Dá-se uma ideia, da melhor Ortografia portuguesa: e responde-se aos argumentos contrários. Que o Vocabulário do padre Bluteau se deve reformar, para utilidade da Mocidade².

O estudo das línguas vulgares no lugar do latim também foi uma característica do século XVIII, Verney já recomendava que na preparação para a Universidade, por exemplo, houvesse o aprendizado de línguas estrangeiras vulgares, sobretudo o italiano e o francês, além de introduzir as ciências experimentais e matemáticas. Apesar do latim continuar sendo objeto de sua preocupação, as línguas vulgares ganham espaço nessa reformulação de currículo.

Essa preocupação aponta o quanto o autor, entendia as inquietações de seu tempo, pois como acrescenta Oliveira (2016, p. 50) o ensino de Línguas Modernas, em especial, do francês, e sua boa compreensão, “tornaram-se necessários na busca de uma maior integração na comunidade acadêmica internacional tendo em vista que os livros mais atualizados estavam escritos nas línguas de nações ilustradas como a França, por exemplo”.

Para compreender o estudo do latim em Verney, não abordaremos as cartas em sua ordem numérica, estudaremos o latim como disciplina auxiliar para depois entendê-la como uma disciplina isolada, pois ela serviu como instrumento para se aprender retórica etc. Dessa maneira, iniciemos com a carta número cinco.

Por assim dizer, na quinta carta, Verney (1991, p. 44), ao falar sobre a retórica, critica a maneira que ela é ensinada. Para ele, o primeiro erro é a disciplina ser ensinada em latim: se observar o que os mestres ensinam nas escolas, achará que é uma embrulhada que nenhum homem, quanto mais rapaz, pode entender. Primeiramente, ensinam a retórica em Latim, erro considerável, porque nada tem a Retórica com o latim, sendo que os seus preceitos compreendem e se exercitam em todas as línguas.

² Algumas adaptações foram feitas no português tirado da edição do Verdadeiro Método de Estudar utilizado nesse trabalho. Por vez, optou-se por adequar a língua moderna, por outra, em preservar o original



Constata-se a defesa do idioma vernáculo e das línguas oriundas do latim que estão se consolidando na Europa. Na concepção do autor, não cabe mais ao latim ser instrumento para se aprender Retórica.

Na segunda carta, o referido autor, defende o ensino de uma língua diferente a partir do vernáculo. Essa ideia defendida por Verney (1746 p. 60) nos revela uma concepção de ensino de língua a partir do idioma dominado pelo indivíduo.

Ora convém todos os homens de bom juízo, e que tem visto países Estrangeiros, e lido sobre isto alguma coisa; convém digo, que qualquer Gramática de uma língua, que não é nacional, deve-se explicar na língua, que o homem sabe.

Como bem acentua, caso alguém queria aprender grego com uma gramática toda em grego e professor que só falasse nesse idioma, aprenderia umas palavras, mas não o idioma alvo. Por isso é ele categórico: “Finalmente a Gramática Latina para os Portugueses, deve ser em Português” (VERNEY, 1746, p. 61).

Nessa época, não existia um método tal como o conhecemos hoje, tínhamos a gramática e nela se apoiava a crítica do autor, talvez, por que para ele, “A Gramática é a porta, pela qual se entra na Latinidade”.

Sendo a gramática algo indispensável para se prender uma língua, Verney (1746, p. 64) elenca as características da mais adequada para a mocidade:

A gramática deve ser dividida em dois volumes, assim: a primeira parte (podemos-lhe chamar pura Gramática: divide-se naturalmente, em quatro partes; Etimologia, Sintaxe, Ortografia, prosódia. A primeira trata das-Vozes: a segunda da-União delas: a terceira das-Letras: a quarta da Quantidade das Silabas.

O autor detalha os aspectos a serem estudados em cada volume, cada assunto gramatical é abordado, tais como verbo, advérbio; considerando a sintaxe a parte mais difícil, a ortografia e a prosódia como as mais fáceis.

Assim como Comenius, Verney (1746, p. 71-72) expõe os erros do ensino vigente e aponta novas perspectivas:

O que eu posso assegurar a V. P. é que com esse método, aprende-se em um ano mais Gramática, do que não sabem muitos, que a ensinam trinta anos, ou passaram nela toda a sua vida. O método, porém, que aponto, é mais fácil de se-conservar na memória, porque é natural: e chega à origem das coisas.

Nesse contexto, a gramática é sinônimo de língua, logo faz-se necessário aprendê-la, dominá-la de maneira profunda.

Na carta terceira, intitulada “Latinidade”, o autor faz críticas sobre a maneira de ensinar essa língua. Um dos problemas apontados está no procedimento do professor, segundo Verney (1746, p.80):

Acho ainda mais outro inconveniente para saber Latim, praticado nas escolas; que é, compor muito naquela matéria, que entendem mui pouco. Um pobre estudante ainda não entende Latim e já lhe-dam vários temas, que são certas ora-

ções vulgares, para traduzir na língua Latina, ou das orações Portugueza, com partes Latinas, ou uma sentença Latina, para eles a-dilatarem, e provarem. Que coisa boa á-de fazer um rapaz, que ainda nam sabe Latim, dar as partes correspondentes ao Portuguez e obrigar o estudante, a que se sirva delas em uma oração longa; é o mesmo que querer, que ele siga os despropósito de seu mestre. Ainda quando o estudante acerta com tudo, nam acertaria com os idiotismos, isto é, com os modos de falar, que são próprios da-língua Latina: e falaria Portuguez, com palavras Latinas.

Com isso ele reforça a importância do ensino do português antes de exercícios de tradução. Isso evidencia uma concepção de ensino de língua, é preciso dominar o idioma de uso para se aprender uma língua estrangeira.

No contexto do autor, é o domínio da escrita em português que garante um melhor aprendizado do latim, logo afirma Verney (1746, p. 81).

A segunda utilidade é, sobre a inteligência da-língua Latina. Um rapaz que de sua cabeça escreve uma carta, ou comprimento, ou oferecimento Portuguez, com palavras próprias, já sabe que á-de dizer em Latim: só lhe-falta, ter as palavras Latinas, para as-colocar

Em síntese, para compreender o ensino de latim em Verney é preciso entender o espaço adquirido pelas línguas vernáculas na época vivida pelo autor, momento em que a língua latina perdia seu prestígio como instrumento para o aprendizado de saberes, e a língua vernáculo se torna essencial para esse aspecto, bem como se torna ponto de partida para se aprender outros idiomas.

Considerações finais

Os séculos XVII e XVIII marcam um período de profunda mudança nos processos educativos, nas intuições formativas e nas teorizações pedagógicas, nesse cenário, onde o seicentismo traz um início da modernidade e setecentismo completa o processo de laicização tão típico do mundo moderno, surgem Comenius e Verney, ambos tentaram reformar o ensino em seu tempo. E é justamente a partir de seu tempo que eles pensaram uma nova maneira de ensinar, através de novos conteúdos e novas abordagens.

Revela-se um novo paradigma nesses dois períodos, pois o latim foi deixando de ser pouco a pouco a língua instrumento de saber, perdendo espaço para as línguas vernáculas. As duas obras ainda trazem esse idioma como parte importante para a instrução; contudo, em Comenius o latim continuava como língua universal, quase inquestionável; as críticas do autor estão centradas no ensino desse idioma pela sua importância no campo do saber e na formação do homem. Em Verney, ela já não gozava do mesmo status e por isso foi questionada como meio de transmissão de conhecimento.

De modo igual, os processos metodológicos para o ensino de língua mudaram, é preciso ensinar uma língua estrangeira através da língua do aluno, e esta deve ser dominada pelo professor. Da mesma maneira, sendo parte de seu tempo, a proposta de Comenius tinha um caráter universal, enquanto que a de Verney se preocupou com Portugal.



Referências Bibliográficas

- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.
- COMENIUS, I. J. *A Didática Magna*. Introdução, Notas e Tradução: Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Disponível em: http://www2.unifap.br/edfísica/files/2014/12/A_didactica_magna_COMENIUS.pdf. Acesso em: 20 jul. 2017.
- COMENIUS, John Amos. *The Orbis Pictus*. Syracuse. N. Y.: C. W. BARDEEN, PUBLISHER, 1887.
- GERMAIN, Claude. *Evolution de l'enseignement des langues: 5000 ans d'histoire*. Paris, França: CLE International, 1993.
- NUNES, C. Luís António Verney (1713-1792): Um pensador atrevido. *Revista do Departamento de História*. 9 (1989), PUC, Rio de Janeiro, p. 47-56, 1989. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572771773c44d8676a05a03b/1462202743787/4_Nunes%2C+Clarice.pdf. Acesso em: 22 ago. 2017.
- OLIVEIRA, Kate Constantino Pinheiro de Andrade. *A Institucionalização do Ensino de Francês no Brasil: o caso da Academia Real Militar do Rio de Janeiro (1810 - 1832)*. Aracaju, 2016.
- PIAGET, J. *Comênio*. Tradução: Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes e Gino Ciriello Mazzetto. Brasília: MEC, 2010 (Coleção Educadores). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4681.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- VERNEY, Luís António. *Verdadeiro Método de Estudar (cartas sobre Retórica e Poética)*. Introdução e notas: Maria Lucília Gonçalves Pires. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- VERNEY, Luís António. *Verdadeiro método de estudar*. Valença: Na Oficina de Antonio Balle, 1746. Disponível em <http://purl.pt/118>.

